

‘Esse presidente não tem misericórdia’: doença, sofrimento e teodiceia secular em um território de favela

*‘This president has no mercy’: disease, suffering and
secular theodicy in a favela territory*

RÉIA SÍLVIA GONÇALVES PEREIRA
WANIA MESQUITA

RESUMO

No artigo, são apresentados relatos da trajetória de Ana, uma mulher de 41 anos, diarista, de pertença pentecostal, moradora de uma favela em Campos dos Goytacazes - RJ, onde exerce uma atuação político-religiosa. Ana foi acometida pela covid-19 em sua forma mais grave no segundo ano da pandemia. Após internação na Unidade de Terapia Intensiva de um hospital público — em que chegou a ter o comprometimento de 80% dos pulmões —, ainda guarda sequelas da doença, a qual define como “apavorante”. Entre a crença na origem divina da enfermidade e na responsabilização do presidente do Brasil pelo que considera “pouco caso com os humildes”, a interlocutora coloca em tensão os conceitos de teodiceia religiosa e de teodiceia secular. Com o texto, o objetivo é não apenas possibilitar uma reflexão sobre o sentido de sofrimento causado pela pandemia para uma pentecostal, mas também apresentar um relato sobre os efeitos da covid-19 nas camadas populares àqueles mais gravemente acometidos. Para o artigo, além da observação participante realizada de 2018 a 2020 no bairro de moradia da interlocutora, foram feitas entrevistas no período da pandemia que, por respeitar as orientações sanitárias, ocorreram por telefone.

Palavras-chave: Teodiceia; Pentecostais; Profecia.

ABSTRACT

In the article, the reports of Ana, a 41-year-old woman, day laborer, of Pentecostal membership, resident of a favela in Campos dos Goytacazes - RJ, where she exercises a political-religious role, are presented. Ana was affected by covid-19 in its most serious form. After being admitted to the Intensive Care Unit of a public hospital — where she had 80% of her lungs compromised — she still has sequelae from the disease, which she defines as “terrifying”. Between the belief in the divine origin of the disease and the accountability of the president of Brazil for what she considers “disregard for the humble”, the interlocutor puts the concepts of religious theodicy and secular theodicy in tension. With the text, the objective is not only to enable a reflection on the sense of suffering caused by the pandemic for a Pentecostal, but also to present an account of the effects of covid-19 on the popular layers of those most seriously affected. For the article, in addition to the participant observation carried out from 2018 to 2020 in the interlocutor's residential neighborhood, interviews were conducted during the pandemic period which, in compliance with health guidelines, were carried out by telephone.

Key words: Theodicy; Pentecostals; Prophecy.

INTRODUÇÃO¹

“Essa doença toma os órgãos da gente, vai tomando os órgãos. Rápido. Só a misericórdia de Deus para fazer cessar, porque é devastadora. Meu Deus, é apavorante!” (Ana, informação verbal). Com essas frases, Ana, 41 anos, pentecostal e moradora de uma favela (GONÇALVES, 2016; VALLADARES, 2016) em Campos dos Goytacazes, define a covid-19 e seus efeitos. Ana sentiu em seu corpo o pavor que alude a essa doença ao ser acometida por sua forma mais grave. Esteve internada na Unidade de Terapia Intensiva de um hospital público por 14 dias, em junho de 2020. Ainda sofre as sequelas: teve os movimentos das pernas restringidos, sofreu um acidente vascular cerebral e padece de dores de cabeça, que qualifica como “desesperadoras”.

Ana acredita a origem da doença à providência divina. Uma *prova* para que “o homem carnal volte à santidade e pense mais uns nos outros” (Ana, informação verbal, agosto de 2020). Também acredita que, por obra de Deus, foi curada. “Vi muitos pacientes que estavam do meu lado no hospital morrerem. Mas acho que Deus ainda tem um propósito para mim e não me levou para a glória” (Ana, informação verbal, agosto de 2020). Contudo, mesmo em sua concepção da covid-19 como obra divina, Ana também atribui ao presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, a responsabilidade pela propagação da

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Ações pentecostais nos conjuntos habitacionais das periferias de Campos dos Goytacazes-RJ: sociabilidades religiosas nos espaços de moradias” financiado com a Bolsa de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

doença: “Ele não respeita os doentes. Ele vê essa doença como uma gripe normal. Não fez o que tinha que fazer para evitar o sofrimento do povo. E o presidente não está tendo a visão de conduzir a situação na verdade como ela é. É muito grave” (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

A partir do relato da trajetória de Ana, analisamos os sentidos de teodiceia religiosa, conceito difundido por Max Weber e que se relaciona à explicação divina para o sofrimento. Argumentamos, também, que Ana, além de aludir à teodiceia religiosa — mais próxima ao sentido weberiano —, tensiona a concepção de teodiceia secular (DAS, 2008) ao desaprovar a atuação do presidente na condução da pandemia. Nesse sentido, concepções sobre religião, sofrimento e Estado articulam-se no cotidiano da interlocutora, formulando uma ética ordinária, dando mostras da pandemia como um evento desigual e múltiplo.

Para o artigo, além da observação participante, realizada entre 2018 e 2020, no bairro de moradia da interlocutora, foram feitas entrevistas no período da pandemia que, por respeitar as orientações sanitárias, ocorreram por telefone, em gravação de áudio. A primeira entrevista ocorreu em abril; já a segunda, em agosto de 2020.

Como organização textual, o artigo está dividido em três itens. No primeiro deles, a apresentação do cotidiano de Ana. A intenção é analisar, a partir da experiência da interlocutora — uma mulher negra, pentecostal e moradora de favela — uma possibilidade de vivência da pandemia em suas multiplicidades de contextos. No segundo item, abordamos a categoria *misericórdia*, como expressão alocadas por Ana para contradizer a postura do então presidente do Brasil na condução da emergência sanitária. Ao final, analisamos a tensão entre os conceitos de teodiceia religiosa e de teodiceia secular.

A PANDEMIA NA FAVELA: COTIDIANO E MÚLTIPLAS PANDEMIAS

Neste primeiro item, analisamos como Ana — uma mulher negra, pentecostal e moradora de favela — experienciou a pandemia. Como já mencionado, compreendemos a emergência da covid-19 como um evento crítico que se revela em sua multiplicidade de contextos. Como destaca Das (2020), as políticas públicas de contenção da pandemia falharam ao não atentarem para a diversidade e as distintas vulnerabilidades nas experiências pandêmicas e para a cotidianidade dos sujeitos afetados. Aduz Das:

One issue that this pandemic has brought to the fore is that the experiences of governance vary enormously across different regions of

the world — indeed, that the same policies such as the lockdowns will play out very differently for the middle classes and for the poor (DAS, 2020, s/n).²

Com as ponderações de Das no trecho acima, reiteramos a centralidade das dimensões cotidianas para a análise das experiências da covid. Tributária de Wittgenstein, a autora advoga que o cotidiano — palco dos jogos comunicativos — é a dimensão que engendra as distintas formas de vida³. Assim, é no dinamismo do andar da vida, composto por conflitos e afetos, que a experiência — sempre circunscrita a um contexto de linguagem específica — adquire sentido.

Em outras palavras, forma de vida está relacionada aos jogos de linguagem das práticas cotidianas. Nesse sentido, VÍCTORA, Schuch e Siqueira (2021, p. 135), ao ampliarem a discussão sobre a pandemia, compreendem que o próprio evento crítico da crise sanitária produz e significa determinadas formas de vida, em especial para aqueles evocados como “grupo de risco” e “idosos”.

Dessa feita, ao apresentarmos o relato do cotidiano de Ana no contexto pandêmico, argumentamos que a interlocutora — como dito, pentecostal e moradora de favela — alude também a uma forma de vida significada na pandemia. Nesse sentido, vulnerabilidade, cuidado, morte e doença — categorias linguísticas alocadas em sentido mais amplo para evocar o período pandêmico — operam em suas especificidades contextuais no acaso etnográfico aqui apresentado. Ainda em consonância com Das (2015), em sua interpretação de Wittgenstein, as formas de vida também aludem às formas de morte (DAS, 2015). Assim, ao abordarmos a experiência de uma moradora de favela pentecostal no período pandêmico, em sentido último, é a uma especificidade de vida, e de morte, a que recorremos:

Em situações em que o andar usual da vida foi suspenso, reconhecer o outro como humano torna-se o ponto central em que alguém pode cair do lado da morte ou da vida. Assim, nosso conceito do ser humano não é simplesmente uma questão de classificações lógicas, mas de nossa compreensão do que é uma vida humana (DAS, 2015, p.92).

² "Uma questão que esta pandemia trouxe à tona é que as experiências de governança variam enormemente em diferentes regiões do mundo — na verdade, que as mesmas políticas, como os lockdowns, serão muito diferentes para as classes médias e para os pobres [...]." (DAS, 2015, s/n, tradução nossa).

³ Para Wittgenstein, uma forma de vida consiste na concordância de uma comunidade linguística a respostas para algo específico, possibilitando julgamentos e definições dentro de discursos de verdade e de valores (PERUZZO JÚNIOR, 2011, p. 79)

O COTIDIANO PANDÊMICO DE ANA

Residente em uma casa com quatro cômodos e um banheiro, onde divide espaço com os seis filhos e um neto de cinco meses, Ana é uma das moradoras de um conjunto de favelas (GONÇALVES, 2016) localizado em um município no norte do estado do Rio de Janeiro.

Naquele contexto marcado por relações de proximidade e hierárquicas (DUARTE, 1988; DUARTE, 2005), Ana é conhecida como uma líder religiosa. *Diaconisa*, um cargo elevado da hierarquia da pequena igreja pentecostal que frequenta, a Águas Divinas⁴, Ana é uma referência para além dos muros da congregação. Entre os vizinhos, é reconhecida por possuir o *dom da revelação*, categoria êmica que se refere a um saber profético concedido por aqueles que, tocados pelo Espírito Santo, podem dizer sobre o passado e o futuro (PEREIRA, 2019).

Antes da pandemia, a igreja de Ana estava localizada em um balcão num dos corredores da favela. Contava com cadeiras de plástico, um pequeno púlpito e uma parede pintada de azul claro, contrastando com a aridez do entorno. Nos cultos, realizados às quartas, sextas e domingos, os avivamentos — ensejados pela presença do Espírito Santo — resultavam em intensas movimentações corporais. Os integrantes, aparentando êxtase (ELIAS; DUNNING, 1992), movimentavam os braços, rodopiavam, choravam e caíam ao chão.

A Águas Divinas parecia se adequar aos moldes do que Clara Mafra denomina como “comunidades morais”. Formada por poucos integrantes, tais comunidades teriam como marcador a centralidade dos rituais de “maravilhamento do espírito”, a hierarquia flexível e as redes de solidariedade.

Por mais que exista uma grande flexibilidade no estabelecimento da relação hierárquica entre as redes [...] e pouca fiscalização e intervenção da hierarquia no “domínio” do pastor presidente (...), estas características de uma organização institucional “flexível” são somadas para compor “comunidades morais” localizadas: agregados com fortes redes de solidariedade interna e noção clara das ações limite, aquelas consentidas e não consentidas pelo coletivo (MAFRA, 1999, p. 36).

No bairro de moradia de Ana, em seu caráter popular (DUARTE, 1988), formado por menos de mil habitantes (MESQUITA, 2012) e situado na margem do rio Paraíba do

⁴ Assim como o de Ana, o nome da igreja é fictício.

Sul, existiam cerca de seis denominações pentecostais nos moldes da Águas Divinas. Porém, a unção de Ana como como *profetisa*, possuidora do *dom da revelação*, ultrapassava os muros da igreja que professava. A religiosa era procurada constantemente pelos vizinhos em busca de orações, bênçãos e, por óbvio, as profecias. Ao circular pelo bairro, era reconhecida como pastora, sendo saudada dessa forma pelos moradores. Ana revela sua rotina antes da quarentena

Eu acordava, orava, preparava o café das crianças, mandava para a escola, lia a Bíblia, arrumava as coisas da casa. Se era dia de culto, preparava a Palavra. Sempre vinha uma irmã aqui em casa pedir uma oração, um conselho. A gente tem que ajudar. Eu atendo. Depois, preparava as coisas da igreja (Ana, informação verbal, 23 de abril de 2020).

Tendo em perspectiva a relações estabelecidas entre Ana, como líder religiosa, e entre seus vizinhos que a reconhecem enquanto tal, argumentamos que a casa da interlocutora pode ser concebida como um *espaço moral*, “no qual e pelo qual o indivíduo e as famílias se sustentam e se definem como pessoa” (DUARTE; GOMES, 2008, p. 179). Esse espaço moral, em consonância com Duarte e Gomes (2008), associa-se ao modo de vida das camadas populares em suas relações de proximidade, estabelecendo a própria moradia como espaço de vivência religiosa:

A religiosidade compõe tradicionalmente o sistema de sentidos que configura a casa (em sua poderosa e englobante dimensão moral). (...) Além de templo familiar, local de proteção e recepção, a casa comportava uma dimensão explicitamente religiosa. Tornava-se templo quando recebia parentes e vizinhos na varanda para serem rezados (DUARTE; GOMES, 2008, p. 180).

Na citação, Duarte e Gomes analisam casas cujas referências religiosas se associam ao catolicismo e à umbanda; destacamos, contudo, a especificidade da residência de Ana, de pertença pentecostal. Nesse espaço moral, a materialidade (MEYER, 2004) das referências religiosas pode ser observada em objetos como os frascos de óleo unguento e as Bíblias.

A PANDEMIA COMO OBRA DIVINA: TENSÃO ENTRE TEODICEIA SECULAR E RELIGIOSA

Com a pandemia, porém, a rotina de Ana foi alterada significativamente com a suspensão das aulas dos filhos e a proibição dos cultos religiosos. Sobre sua quarentena, a

interlocutora destacou que os seus gastos com orçamento doméstico aumentaram notadamente. Em contrapartida, a renda obtida pelo trabalho como diarista foi reduzida. O outro dado destacado por Ana é o fato de ela pertencer ao “grupo de risco”⁵ por ser hipertensa e diabética.

Ficou tudo uma loucura. As crianças todas em casa ficam entediadas, fazem bagunça. As crianças comem que é uma beleza. O dinheiro só sai, não tem de onde entrar (...), é um tempo muito difícil. Só a misericórdia de Deus. Sou da área de risco, tenho pressão alta, diabetes. Evito ao máximo sair de casa. A gente sabe que Jesus está no controle, mas fica aquela apreensão (Ana, informação verbal, 23 de abril de 2020).

Todavia, mesmo que o respeito à quarentena fosse especialmente difícil em uma casa com poucos cômodos, com seis crianças e o aumento de gastos, Ana defendeu a necessidade de isolamento:

Imagine aqui, as casas são todas pregadas parede com parede. Se essa doença chega? Sou a favor do isolamento, apesar de muita gente ter ficado sem emprego. Mas essa epidemia vai pegar muita gente. Pense nos leitos do hospital? Aqui na minha cidade não tem atendimento bom; imagine numa epidemia. Se eu não ficar a favor do isolamento, vai ficar ruim para minha família e para as outras pessoas. Por mais que seja ruim para quem tem a função de sair para trabalhar. Por mais que seja ruim, é necessário (Ana, informação verbal, abril de 2020).

Diante do sofrimento causado pela quarentena e pela “apreensão” por uma possível evolução da pandemia, Ana concebe a covid-19 como “obra divina”. Uma “prova” para correção dos homens, que, segundo ela, querem ser “maiores que Deus e estão “se levantando contra os pequenos”.

Deus está colocando o mundo à prova para voltar à santidade. Os homens estão se levantando nos poderes, querendo pisar nos pequenos, desafiando a lei de Deus e o próprio Deus. Estão **se achando até maior que o próprio Deus** (Ana, informação verbal, abril de 2020. Grifos nossos).

⁵ Grupo de risco tornou-se expressão corrente no período da pandemia, referindo-se àqueles supostamente mais vulneráveis à doença.

Do relato de Ana, observamos que a categoria *prova* revela um sistema de pensamento que tem o sofrimento como cerne: o homem peca, Deus dá a prova (sofrimento), depois concede a *vitória*. Com tal sistema, instaura-se um tempo teleológico e cosmogênico. Por mais dolorosa que seja a prova, há uma expectativa de superação. O crente pode esperar ou contar com a ajuda de Deus na jornada: “Um dia Deus vai fazer essa doença cessar. Assim como começou” (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

Percebe-se que a categoria *prova* aproxima-se do conceito de *teodiceia*. Elaborado por Leibniz (2013) e difundido por Weber (2010), teodiceia, no sentido weberiano, refere-se à explicação religiosa para o sofrimento, sendo essa uma explicação religiosa para a injustiça que, de acordo com o autor, possibilitou a racionalização das religiões:

A visão metafísica de Deus e do mundo, exigido pelo requisito inevitável de uma teodiceia, só chegou a produzir, em seu conjunto, poucas ideologias; apenas três (...). Essas três ideologias deram soluções racionalmente satisfatórias à questão do fundamento da inadequação entre mérito e destino(...) essas respostas são racionalmente suficientes; é excepcional sua manifestação em forma pura. Foram muito fortes os efeitos da exigência racional do padecimento e da morte (...) essa exigência impregnou de maneira distintas religiões tais como o hinduísmo o mazdeísmo e o judaísmo e, até certo ponto, o cristianismo paulino e o posterior (WEBER, 2010, p. 18).

No entanto, em seu relato, se Ana concebe o sofrimento da pandemia como uma obra divina, esse mesmo Deus concede a vitória para aqueles que superarem o obstáculo. Uma teodiceia de submissão ao Deus cristão poderoso, mas também uma teodiceia da vitória. Por essa razão é que Ana, embora conceba o sofrimento causado pela doença, alimenta a esperança de que o mesmo Deus detenha a enfermidade. Reiteramos a frase dita pela religiosa: “Um dia Deus vai fazer essa doença cessar. Assim como começou” (Ana, informação verbal, agosto de 2020). Assim, como destacado, a narrativa da prova fornece um sentido teleológico ao sofrimento.

Citamos trecho de música executada na *Águas Divinas*, que aborda a narrativa da prova concedida por Deus:

Na vida do crente é normal existirem as lágrimas
E por que tu reclamas, se Deus é contigo e tem te dado graça?
Se hoje tu choras, Deus contempla o teu pranto, irmão
E no tempo certo para teu problema, Ele dar solução
Crente só tem vitória chorando, gemendo, orando e crendo
Ele não desanima porque sabe que Deus responde no tempo

E quando aqui na terra não existem mais esperanças
Deus manda a resposta, quem espera em Deus vitória alcança
(Persistência, de autoria de Esteves Jacinto)

Tendo em consideração os relatos de Ana e dos versos da canção destacada, observamos que o sofrimento é um valor, justificado pelo Deus que castiga seus filhos com pesadas provas, com o intuito de fortalecê-los. A vitória prometida não é gratuita; ao contrário, deve ser conquistada. Contudo, por mais duras que sejam as provas, as provas concedidas por Deus têm a expectativa de serem superadas. É a promessa do Deus pentecostal evocado por Ana. Uma promessa de vitória, passível de ser alcançada, mas que tem como saldo a mesma dor que torna os crentes mais fortes.

“NÃO CONCORDO COM O PRESIDENTE”: A TEODICEIA SECULAR

Ainda que conceba a doença como uma obra divina, uma prova, Ana amplia a explicação teológica sobre o flagelo causado pela pandemia ao localizar na gestão do presidente do Brasil à época um “descaso” para com a doença e a falta de “compaixão” para com o “povo”.

Não concordo com a maneira como o presidente está conduzindo a pandemia. Ele deveria fazer bem mais. Em muitas atitudes, ele demonstra que não tem compaixão do povo. Não está tendo misericórdia do povo. Por ele, não teria esse negócio de isolamento. Se ele se diz evangélico, ele deveria agir com mais sabedoria. Porque a pessoa, quando conduz um cargo dessa altura, sendo homem natural, tem que ter muita sabedoria para governar. E sendo um homem de Deus, como ele diz ser, era para ter mais sabedoria ainda, mas ele não tem. Ele teria a sabedoria do homem natural e a sabedoria de Deus. O presidente não está pensando no povo. Porque se um se contaminar, contamina todo mundo. Todo mundo mora agarradinho aqui. Parede com parede. Minha cidade não tem estrutura para tratar essa doença. Ele [o presidente] não está visando o lado dos mais pobres, dos humildes (Ana, informação verbal, abril de 2020).

Mesmo com suas críticas à atuação política do então presidente e os cuidados com a quarentena, a covid-19 chegou ao bairro de Ana. Contaminada pelo vírus, a interlocutora adoeceu gravemente em junho de 2020, chegando a ter 80% dos pulmões comprometidos e apresentando um acidente vascular cerebral. Embora não saiba como contraiu o coronavírus, Ana descreve os primeiros sintomas até a internação:

Senti muita dor de cabeça e tossindo muito. No primeiro instante, achei que era sinusite e tomei remédio. Não melhorou. Deu febre. Foram três dias de febre. Parei de sentir o gosto das coisas. O corpo muito ruim, muito fraco. Teve um dia que acordei com muita dor de cabeça, com o ouvido doendo e ali já não me lembro. Depois que fui saber: tive uma crise de AVC, fui internada e, chegando lá, confirmaram que era coronavírus (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

Sobre a internação, relata que ficou três dias inconsciente:

Fiquei dois ou três dias sem ter noção de que estava no hospital. Depois de três que fui tomar altura de que estava hospitalizada. Parece que fiquei desacordada sem noção das coisas. Depois é que fui tomando noção. Os médicos começaram falando que tinha dado AVC, que eu estava com covid. Nos primeiros dias, até a ficha cair de que estava no hospital, fiquei muito apavorada, com medo. Medo quanto aos meus filhos em casa, meu neto, ou seja, medo de terem pegado [a covid] também. Os médicos garantiram que a doença não ia evoluir. Fui bem cuidada. A pressão ficou muito alta, e foi uma luta para ela se estabilizar. Foram 14 dias que só Deus mesmo, que preparou os médicos (...), apesar de que três pessoas faleceram quando eu estava internada. É apavorante. A pessoa estava do seu lado com vida, daí a pouco ela morre (...). Essa covid veio, e se não for a **misericórdia** de Deus para correr e dar tempo... Porque ela é devastadora. Pega tudo (Ana, informação verbal, agosto de 2020. Grifos meus)

Quando questionada se pensou que não sobreviveria à doença, a resposta foi positiva:

Com certeza eu achei que iria para a glória. Minha glicose não baixava, minha pressão não baixava, mesmo com medicamento. Chegava a ficar com 23. Eu pensei que iria enfartar e ali mesmo morrer. Tinha medo. Medo de a doença ir tomando meus órgãos. E havia pessoas em pior situação que eu. Muito ruim, muito ruim... Quando saí do hospital, chorei muito. Agradei muito a meu Deus por ter enviado os médicos. Ele preparou os médicos. Deus me deu uma nova oportunidade, uma nova chance de vida. Porque muitos entraram no hospital como eu, mas não tiveram a oportunidade que eu tive de sair (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

Em que pese o sofrimento e o pavor relatados, Ana, após passar pela covid-19, continuou creditando a Deus a existência da doença como uma “prova”. Para a interlocutora, esse mal cessará quando a humanidade “se voltar ao Senhor”:

Na minha visão, essa doença é permissão de Deus para a humanidade. É uma doença tão terrível que, quando dá na gente, nos órgãos, ela os toma muito rápido. Os homens não acharam a cura. A ciência não tem

explicação. Ao mesmo tempo, é um vírus que se mata com água e sabão, mas dentro do nosso corpo toma tudo. A medicina não conseguiu a cura, o remédio. Quantas pessoas que já morreram. Eu vejo que do mesmo jeito que ela veio, um dia ela vai cessar. Eu creio que é o tratar de Deus para a humanidade. É preciso voltar para o Senhor. Tem muita gente com o coração duro. A humanidade tem se esquecido muito do Senhor. Muita gente tem dado importância às coisas e não às pessoas. Tudo isso não é agradável aos olhos de Deus; então eu creio que é o Senhor que está com as mãos dele sobre essa doença (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

Sobre a gestão da pandemia por parte de Jair Bolsonaro, Ana acentua as críticas à suposta falta de “compaixão do presidente”, principalmente para com os doentes crônicos:

Ele [o presidente] tem visto essa doença como uma gripe normal. Uma gripezinha, com pouco caso. Não acredita. Talvez seja porque ele não esteve no leito do hospital com os pulmões cheios de secreção como eu estive. Como eu vi gente morrer do meu lado. Ele não está tratando a covid como uma doença séria que ela é e que matou milhões de pessoas em todo mundo. Ele, em si, não está tendo a postura como deve ter agora, de cuidar do povo. O presidente não está conduzindo a situação na verdade como ela é, porque é muito grave. Você estar fora do leito do hospital é uma coisa, mas quem esteve lá dentro, quem viveu sabe o que é ter a covid. É uma coisa terrível, uma situação muito triste mesmo. Ele tinha que ter mais cuidado e olhar para o grau da doença. Não é uma gripezinha. O presidente não pensa nas pessoas que têm doença crônica. Porque a covid vai nos órgãos de quem tem doença crônica e acaba com tudo. É horrível. Então, ele age assim porque não esteve no leito de um hospital (Ana, informação verbal, agosto de 2020).

Dos relatos de Ana, além da descrição do horror da covid-19, reiteramos a percepção de uma concepção específica de teodiceia. O Deus cristão, onisciente e poderoso, aplica a seus filhos provas pedagógicas dolorosas que podem ser traduzidas na forma de uma doença mortal capaz de tomar os órgãos daqueles que foram acometidos pelo vírus. O mesmo Deus também pode livrar seus súditos do mal por ele causado, dando-lhes “outra oportunidade”, como no caso da interlocutora.

No entanto, ao questionar as ações do presidente do Brasil, Ana negocia tensão tanto com a concepção de teodiceia religiosa quanto com a concepção de teodiceia secular (DAS, 2008). Por teodiceia secular, aludimos — amparados na interpretação de Das (2008) — a uma possibilidade também pedagógica de apropriação do sofrimento por meio do Estado. Por essa concepção, o sofrimento secular seria permitido como um sacrifício em nome de um projeto maior de sociedade e de futuro:

Esta doble naturaleza del sufrimiento (su capacidad para moldear a los seres humanos como miembros morales de una sociedad y, al mismo tiempo, su malignidad, revelada en el dolor que se inflige a los individuos en nombre de los grandes proyectos de la sociedad) nos invita a centrarnos en esos contextos cuando la teodicea fracassa. (DAS, 2008, p. 439).⁶

Assim, a teodiceia secular se refere ao sofrimento coletivo ou de um grupo, que representaria um “dano menor” em nome de um bem-estar maior. Explica Das:

Las teodiceas seculares del Estado añaden una nueva dimensión a las visiones del futuro. En el caso de los riesgos de contaminación química, los tribunales han establecido en repetidas ocasiones y en diferentes países que la población debe tolerar ciertos riesgos como condición para la producción de riqueza en el futuro. En el caso de las tecnologías biomédicas, se suele ensayar tecnologías nuevas y experimentales con grupos de enfermos terminales, con las poblaciones de reclusos, con prostitutas (en otras palabras, con quienes son definidos como desecho social), con la esperanza de que las tecnologías aumentarán el bienestar de la humanidad en el futuro. Estas prácticas, resultado de lo que Margaret Lock denomina violencia de celo, parten del supuesto de que puede infligirse un daño menor a fin de lograr un mayor bienestar futuro (DAS, 2008, p. 451)⁷.

Nessa esteira, ampliando a discussão sobre teodiceias para o caso etnográfico, compreendemos que, se Ana entende a covid-19 como uma “prova” imposta por Deus, do mesmo modo, discorda das ações e as inações do presidente do Brasil, representante do Estado. Em sua falta de “misericórdia” para com o sofrimento do povo e dos doentes crônicos, o presidente, na compreensão da interlocutora, merece ser contestado mesmo que atue em nome de um suposto bem-estar futuro sob a alegoria de preservação da economia e dos empregos.

⁶ Esta dupla natureza do sofrimento — a sua capacidade de conformar os seres humanos como membros morais de uma sociedade e, ao mesmo tempo, a sua malignidade, revelada na dor infligida aos indivíduos em nome dos grandes projetos da sociedade — nos convida a focar esses contextos quando a teodiceia falha (DAS, 2008, p. 439, tradução nossa).

⁷ As teodiceias seculares do estado acrescentam uma nova dimensão às visões do futuro. No caso dos riscos de contaminação química, os tribunais têm repetidamente estabelecido em diferentes países que a população deve tolerar certos riscos como condição para a produção de riqueza no futuro. No caso das tecnologias biomédicas, as tecnologias novas e experimentais são muitas vezes testadas com grupos de doentes terminais, com populações prisionais, com prostitutas (ou seja, com aquelas que são definidas como lixo social), na esperança de que as tecnologias aumentem o bem-estar da humanidade no futuro. Essas práticas, fruto do que Margaret Lock chama de violência por ciúme, partem do pressuposto de que menos dano pode ser infligido para se alcançar maior bem-estar futuro (DAS, 2008, p. 451, tradução nossa).

Em tal sentido, ampliamos a discussão ao analisarmos a categoria “misericórdia”, evocada pela interlocutora para criticar a conduta do presidente. Apresentamos novamente o relato: “Não concordo com a maneira como o presidente está conduzindo a pandemia. Ele deveria fazer bem mais. Em muitas atitudes, ele demonstra que não tem compaixão do povo. Não está tendo misericórdia do povo” (Ana. Informação verbal. 2020).

Ao questionarmos a interlocutora sobre o sentido de “misericórdia”, Ana evoca as categorias *ação e ajuda*: “Para mim, misericórdia é agir com compaixão, estender a mão, ajudar; é se comover com o sofrimento da outra pessoa. Esse presidente não age assim. Não pensa nos outros que estão sofrendo” (Ana. Informação verbal. 2020). Dessa forma, em seu questionamento sobre as ações e a própria ética do então presidente do Brasil, a interlocutora parece não corroborar com a instância pedagógica do sofrimento infligido pelo Estado, em sua teodiceia secular. Em outro sentido, Ana recorre a concepções e ações reconhecidas em si, como mulher religiosa, e significadas em seu cotidiano, no qual exerce sua ação política em seu local de moradia. Ao acudir os vizinhos e ajudá-los, como no trecho em que revela “A gente tem que ajudar. Eu atendo” (Ana, informação verbal, 2020), Ana reconhece em sua atuação a misericórdia que não encontrou no Estado brasileiro, representado pelo mandatário.

Dessa forma, a interlocutora parece recorrer a uma ética do ordinário (DAS, 2015), um espírito ético e uma ação perante a vida que, menos que uma moralidade imperativa, são significados tendo em perspectiva o contexto cotidiano e a especificidade de uma forma de vida. Em outras palavras, religião e Estado não são interpretados como esferas distintas aos moldes weberianos, mas são articulados a partir de moralidades contextualizadas e significadas no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo, apresentamos os relatos de Ana, mulher pentecostal, moradora de uma favela em Campos dos Goytacazes (RJ), localidade na qual ela exerce significativa liderança religiosa.

Acometida pela covid-19 em sua forma grave, Ana esteve internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital público do município. Neste texto, apresentamos

seus relatos sobre a doença. Destacamos, contudo, que tais relatos se conformam a partir de uma relação etnobiográfica que, nos dizeres de Marco Antônio Gonçalves, refere-se à relação entre o trabalho do etnógrafo e a alteridade. Uma percepção situada em um intrincado complexo de “relações pessoais e públicas em que se tensionam personagens culturais ou sociais e formas criativas derivadas da pessoalização” (GONÇALVES, 2012, p. 32).

Desse modo, em seus relatos, a religiosa Ana alude à categoria *prova* para explicar a origem divina da covid-19. A doença seria um pesado teste pedagógico permitido por Deus para que os homens voltem à santidade. Uma teodiceia religiosa no sentido weberiano.

Ao mesmo tempo, a interlocutora contesta fortemente as ações do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na condução das ações de combate à pandemia, associando sua análise ao conceito de teodiceia secular, formulada por Veena Das (2008). Na teodiceia secular, o Estado utilizaria o sofrimento de alguns grupos como pedagogia em nome de um pretense bem-estar maior e futuro. Ao contradizer o presidente e justificar a prova divina, Ana negocia entre as duas concepções de teodiceia, complexificando as análises sobre apreensões individuais dos sujeitos ao momento histórico atual. Ao aludir à categoria “misericórdia” para se contrapor à gestão presidencial, Ana evoca uma ética contextualizada em seu cotidiano e na especificidade de uma forma de vida.

REFERÊNCIAS

- DAS, Veena. (2008) Sufrimientos, teodiceas, prácticas disciplinarias y apropiaciones. Sujetos del dolor, agentes de dignidad. In: ORETEGA, F. (Org.) Sujetos de dor, agentes de dignidade. Bogotá: Universidade Nacional da Colômbia. Pontificia Universidad Javeriana.
- DAS, Veena. (2015). Como é a ética comum. Quatro palestras sobre ética: perspectivas antropológicas, v. 3, p. 53-125.
- DAS, Veena. (2020). Facing Covid-19: my land of neither hope nor despair. In: American Ethnological Society. AES.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (1988). Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: Zahar.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2005). Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: M.L HEILBORL, L.F.D Duarte, C. M. Peixoto. M. Barros (Org.). Sexualidade, família e ethos religioso, Rio de Janeiro: Garamond.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. (2008). Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric; E SILVA, Maria Manuela Almeida. (1992). A busca da excitação. Lisboa: Difel.

- GONÇALVES, Marco Antônio. (2012). Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 19-42.
- GONÇALVES, Rafael Soares. (2016). Favelas do Rio de Janeiro: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas Editora.
- LEIBNIZ, Gottfried. (2013). Ensaio de teodiceia: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal. São Paulo: Estação Liberdade.
- MAFRA, Clara. (1999). *Na posse da palavra: religião, conversão religiosa e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Tese de doutorado, PPGAS Museu Nacional, UFRJ.
- MESQUITA, Wania Amélia. (2012). Sociabilidade pentecostal e ordem violenta em favelas. *Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 33, p. 217-234.
- MEYER, Birgit. (2004). Christianity in Africa: From African independent to Pentecostal-charismatic churches. *Annual Review of Anthropologie*, v. 33, p. 447-474.
- PEREIRA, Réia Sílvia Gonçalves. (2019). Deixa o menino rodar: O carisma reteté em uma igreja pentecostal da periferia. *Debates do NER*, v. 2, n. 36, p. 267-235.
- PERUZZO JÚNIOR, Léo. (2011) O conceito de lebensform (formas de vida) na filosofia de Wittgenstein. *Ítaca*, n. 17, p. 73-85,
- VALLADARES, Licia do Prado . (2016). A invenção da favela: do mito de origem a favela. com. Rio de Janeiro: editora FGV.
- VÍCTORA, Ceres; SCHUCH, Patrice; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. (2021). Não mudou quase nada”: ética ordinária e formas de vida em tempos pandêmicos. *Sociologia & Antropologia*, v. 11, n. 3, p. 843-867.
- WEBER. Max. (2010). Sociologia das religiões. São Paulo: Editora Ícone.

Réia Sílvia Gonçalves Pereira

Doutora em Ciências Sociais (UFJF), pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF, com bolsa do programa recém-doutor Faperj/Uenf

Wania Mesquita

Doutora em Sociologia (IUPERJ), professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UENF).